

A DIALÉTICA ENTRE OS EXTREMOS: DA TERMINOLOGIA À ETNOTERMINOLOGIA

THE DIALECTIC BETWEEN THE EXTREMES: FROM TERMINOLOGY TO ETNO
TERMINOLOGY

Vanice Ribeiro Dias LATORRE

Resumo: Propomo-nos a analisar a unidade mínima de significação da Etnoterminologia, o *vocábulo-termo*, no léxico de *Grande Sertão: Veredas* para compreender como a realidade fenomênica é refletida na axiologia do grupo sociolinguístico cultural do sertanejo dos gerais. Tal processo se dá no percurso gerativo da enunciação e é constituído por conjuntos de semas conceptuais. A análise linguística desvela como as denominações, produto do fazer persuasivo do sujeito enunciador, originam-se nas qualidades conceituais da cognição e são materializadas em traços semânticos específicos, ou nos conceitos de cada unidade lexical, integrando o processo de modalização. Rosa transplantou suas pesquisas linguísticas para seu texto, ao abrigo das denominações, e realçou significantes amalgamados a conceitos portadores de exclusividades semânticas que se erigem na própria especificidade que nomeia os seres. É nessa exclusividade semântica que a fronteira existente entre o vocábulo e o termo das linguagens de especialidades torna-se densa em seu romance e é, nesses limites, que se apresenta o vocábulo-termo no qual o autor encontra a palavra vigorosa, profunda e não desgastada pelo uso impróprio. Verificamos, sobretudo, a partir da análise das palavras escolhidas por nós, a gênese do vocábulo-termo nas especificidades linguísticas regionais que desenham etnicamente a identidade de um grupo. Sabemos que em todas as obras de Rosa se verifica, em maior ou menor

proporção, o uso das virtualidades que o sistema linguístico oferece aos seus falantes, convergindo para o semantismo inusitado do vocábulo-termo roseano na vertente etnoliterária de *Grande Sertão: Veredas*.

Palavras-Chave: Etnoterminologia. Lexicologia. Terminologia. Semântica Cognitiva. Semiótica

Abstract: The linguistic analysis revealed how the denominations, result of the persuasiveness of the announcer subject, originate in the conceptual qualities of cognition and are materialized in specific semantic traits, or in the concepts of each lexical unit, integrating the modalization process. Guimarães Rosa transplanted his linguistic research to his texts, to the protection of denominations, and enhanced the significant ties to concepts bearing semantic exclusivities which build from the specificity that names the beings, result of the knowledge inherited and grouped over generations. It is in this semantic exclusivity that the frontier that exists between word and term of the languages of specialities become dense in his novel, and it is, in those boundaries, that the word-term presents itself, in which the author finds words which are vigorous, profound and not wasted by inappropriate use. We have verified, especially, in the analysis of words chosen by us, the genesis of the word-term in the regional linguistic specificities and which draws ethnically the identity of a group. We are aware that in every of Rosa's work, in a smaller or bigger proportion, we verify the use of the virtuality that the linguistic system offers to its speakers, and the approach of the sociolinguistic aspects, converging to an unused semantics of the word-term in Rosa's *Grande Sertão: Veredas*.

Keywords: Ethno terminology; Lexicology; Cognitive semantics; Semiotics.

INTRODUÇÃO

Toda manifestação linguística encerra a conceptualização de uma cultura que constrói semioticamente suas relações de poder, ideologias, valores e modos de encarar a realidade, que se presentifica em cada palavra, no interior de diferentes universos de discurso. Agrupada a diferentes universos léxicos, a palavra, pode constituir um conjunto de termos específicos ou especializados que no nível de sistema são plurifuncionais, disponíveis para atualização tanto como vocábulo ou termo, dependendo, portanto, de uma norma discursiva ou discurso ocorrência. Assim, o recorte da realidade operado pelo léxico nos múltiplos contextos evidencia a palavra como objeto de estudo de diferentes campos do saber e da experiência da trajetória humana.

Os estudos das ciências do léxico acumularam-se no mesmo ritmo acelerado das descobertas e inovações científicas, e imprimiram à Terminologia uma dinâmica paralela de estudos intensos voltados para os discursos das linguagens de especialidades. Em seu processo de investigação e estudo constantes Maria Aparecida Barbosa percebeu entre o vocábulo, a unidade padrão da língua geral, e o termo, a unidade padrão das linguagens de especialidades, uma unidade léxica que não apenas incorpora os valores e as funções de vocábulo, mas simultaneamente os valores e funções de termo, e que presente nos discursos etnoliterários circunscreve seus limites na subárea da Terminologia.

Os discursos ou textos que permitem compreender e preservar o processo histórico e cultural sustentam-se na tensão dialética entre duas tipologias de discursos: o das linguagens de especialidades de um lado ou os discursos ditos não literários e os literários ou ficcionais de outro.

A zona de intersecção entre os estudos dos universos de discursos literários e os das linguagens de especialidades ou terminologias é ocupada pela Etnoterminologia, que se formaliza como a mais recente das disciplinas das ciências da linguagem. A Etnoterminologia é o campo de estudos que abrange o domínio etnoliterário,

“a literatura oral, literatura popular, literatura de cordel, mitos, lendas, folclore que são preservados, ao longo dos séculos, pela memória coletiva das comunidades e transmitidos de uma geração à outra pelas populações e também os discursos especiais com baixo grau de tecnicidade e cientificidade (PAIS & BARBOSA, 2004, p. 79-100).

Sua unidade de significação amalgama o estatuto de vocábulo e termo simultaneamente, com significado exclusivo, ao mesmo tempo próprio às linguagens de especialidade e literária também. As qualidades inerentes à linguagem de especialidade e à linguagem literária do universo de discurso etnoliterário conferem ao vocábulo-termo, o valor semântico-social e documental do processo histórico de uma cultura (BARBOSA, 2007, p. 441), como nos explica Barbosa: o “vocábulo-termo” reúne “[...] qualidades das línguas

especializadas e da linguagem literária, de maneira a preservar um valor semântico e social, e constituir simultaneamente, documentos do processo histórico e cultural [...]” (Ibidem). É essa unidade mínima de significação, o vocábulo-termo, o objeto da nossa análise.

Os discursos etnoliterários, por sua vez, são percebidos pelos sujeitos como portadores de verdades gerais e universais, e se ocupam dos sistemas de valores (poder-fazer-saber) e sistemas de crenças (poder-fazer-creer) que, por sua vez, determinam pensamentos e condutas (poder-saber-fazer), e formas de ver o mundo e o ser humano (poder-fazer-dever). Verifica-se, facilmente, portanto, que as modalidades nas quais se sustentam interagem com maior complexidade do que nos outros discursos.

As várias modalidades dialeticamente estruturadas no discurso etnoliterário comprovam que esse gênero textual abarca não apenas as características dos discursos literários, no que concerne à sua tipologia, mas também as dos discursos não literários, dentre os quais nos interessa particularmente a Terminologia em suas semelhanças e diferenças com a Etnoterminologia.

Servem-se da Terminologia, enquanto linguagem de especialidade, todos os discursos sociais não literários, a saber, e não exaustivamente os discursos científicos, os discursos jurídicos e políticos, das áreas específicas do saber, como o Direito e a Economia, por exemplo. À língua comum

pertencem os demais universos de discurso, muito embora se interpenetrem interferindo, conforme Pais, uns sobre os outros, “já que um único e mesmo discurso manifestado pode pertencer simultaneamente a mais de um universo de discurso, como, por exemplo, o científico/pedagógico” (PAIS, Rev. Bras. Ling. v.7, nº. 1, p.44).

Tendo sido reconhecido o texto como o habitat natural das terminologias, pois para Cabré “*O habitat natural da unidade terminológica é o texto*”, e com sua proposta de abordagem do termo *in vivo*, fica reconhecido que o termo não é em si mesmo um termo, mas uma unidade léxica que está em função de termo. É relevante, portanto, a compreensão da palavra vinculada ao seu universo de discurso, à expressão particular de um grupo de falantes, que reúne conhecimentos distintos a diferentes áreas técnicas e científicas e seu modo especial de operar o léxico da língua geral, ou seja, em uma linguagem de especialidade. A Etnoterminologia capta o modo de existência das palavras que nem sempre se explicam para aqueles que não pertencem aos domínios que as refletem. Estuda a unidade léxica (vocábulo-termo), que representa um grupo de falantes linguística e socialmente definido, histórica e geograficamente delimitado, grupo este que detém os valores conceptuais próprios de uma realidade e atribui valores semânticos à forma conservadora como vê o mundo, o que exige do interlocutor imersão total nesse grupo social, ao lado do homem que o habita. Ou seja, para usar o vocábulo-termo é preciso conhecer a axiologia do

grupo em que teve origem, do grupo que conceptualizou seus signos-símbolos.

A Etnoterminologia está intimamente associada ao sentido de etnia e etnismo na formação social e cultural de um grupo, e às interferências históricas e geográficas que subordinam o processo de conceptualização dos seus sujeitos. Suas formas para denominar portam valor documental, fruto do contato com a realidade e visão de mundo, da axiologia que permeia suas relações. Enquanto veículo da herança da cultura popular, amalhada ao longo do tempo, refletem valores, usos, costumes, crenças, hábitos de caráter fundamental, porém abstratos, e modulam a maneira de pensar, sentir e viver de um grupo.

A natureza especializada do vocábulo-termo aflora vínculos outros que não o de raça ou limites geográficos, mas preponderantemente das relações sociais de parentesco remoto, o sentimento de pertencimento ao grupo, de fatores culturais como a nacionalidade e as tradições com características de etnicidade, que, como afirmou Saussure, estão na base da unidade linguística, sendo verdadeiramente a unidade essencial, a que chamou de etnismo (SAUSSURE, 1971, p.261).

As especificidades sociais e culturais definíveis como modelo de ação e interação entre membros de um grupo consubstanciam-se em valores apreensíveis em modelos que se refletem na articulação linguística interna, possibilitando-

nos observar nos discursos etnoliterários que os tipos humanos são suportes de grandes temas universais, que se enfrentam dialeticamente nas oposições amor x morte; vida x morte; bem x mal; riqueza x miséria; fidelidade x traição; Deus x demônio; alma x amor; poder x fraqueza. Esses temas estão identificados dentre os temas principais de *Grande Sertão: Veredas*, do conhecimento de todos, que são além do tema sertão, *Deus, diabo e amor*.

É importante também examinarmos a preocupação estética ligada à face literária do discurso etnoliterário em sua singularidade expressiva, alternando-se nas esferas da poesia de rima fácil e da prosa volteada, cantadas tanto pelos poetas populares como pelos contadores mais velhos da família ou do povo.

A FORMAÇÃO DO CONCEITO NOS DISCURSOS ETNOLITERÁRIOS

O percurso gerativo da enunciação de codificação e decodificação é estruturado em momentos, ao longo dos quais é descrito cada nível do seu processo global, cujo produto final é o texto manifestado que sustenta o processo permanente de produção de significação e de unidades léxicas neológicas: ou seja, trata-se de um processo que se dá em ciclos, movimento que atesta a vitalidade linguística com a introdução de unidades lexicais que, como nos ensinou Ieda Maria Alves, *recicla* os elementos disponíveis.

A apreensão da realidade se dá em três níveis: temos no *primeiro nível* a percepção dos fatos reais, dos objetos do mundo: o início desse percurso (percepção biológica e cultural universal filtrada) dá-se na realidade fenomênica em que os fatos naturais estruturáveis e recortes culturais preexistentes (biofatos, sociofatos, psicofatos e manufatos) são percebidos e, uma vez apreendidos pelo homem, convertem-se em substâncias estruturadas em variados recortes semânticos, fonéticos e fonológicos, gerando reflexos culturais, contidos na base lexical da palavra, reveladora da axiologia de um grupo ou de um indivíduo. Tais fatos estão disponíveis no universo natural (semiótica natural) como virtualidades, hipóteses a serem trabalhadas a partir de uma massa amorfa, cuja significação depende da ação humana; no *segundo nível* temos a conceptualização, construção do protótipo: temos o início do processo de conceptualização, pré-linguístico e pré-semiótico, que é a projeção do homem sobre os fatos da natureza que ganham forma (fato formado), a partir da seleção e escolha dos traços que farão parte do fato em si, configurando um conceito. Este processo é elaborado em três estágios que se originam na percepção dos objetos do mundo *in potentia*: das latências, estágio potencial enquanto substância de conteúdo (Hjelmslev) estruturável em traços distintivos semânticos apreensíveis; das saliências, em que as características estruturáveis se destacam na semiótica natural; e das pregnâncias, em que o fato se configura, conforme Pottier, a partir de uma escolha do enunciador individual ou

coletivo, dos traços que produzem o conceito do fato em si. No *terceiro nível* - da semiologização, semiotização - o *conceptus* virtual transforma-se em modelo mental efetivamente produzido, e em *designata*, recortes culturais. Trata-se do processo de elaboração cultural exercido pelo homem (semiótica humana), cuja intervenção gera o universo antropológico, *conceptus* < - > *designata*. Na semiologização (de acordo com Rastier), as noções ou conjuntos noêmicos, os atributos dos conjuntos noêmicos são convertidos em atributos semânticos pressemióticos, transsemióticos, e de ordenamento dos campos semânticos. Na semiotização o nível cognitivo passa ao semiótico propriamente dito.

“Esses três momentos – da percepção, do início e do fim da conceptualização – constituem, assim, o próprio percurso da cognição entendido como a apreensão e construção de uma “visão de mundo”, formação do fato estruturável, como registra Barbosa, ao estudar as unidades padrão do plano cognitivo e semiótico (BARBOSA, 2001b, p. 33). É a própria construção do conceito nos discursos técnico-científicos, nos discursos literários e nos discursos sociais não literários. Reúne três tipos de traços que constituem um mínimo semântico, ou seja, um núcleo noêmico.

O último momento que nos interessa diante de nossos propósitos, a lexematização ou terminologização, dependendo do universo de discurso, integra o conceito formado ao signo linguístico, momento da denominação.

Entre a cognição e a semiose, etapas da enunciação, o processo de enfatizar seja o conceito *stricto sensu* (subconjunto de traços que servem à conceptualização da semiótica natural), seja o *metaconceptus*, (subconjunto de traços semântico-conceptuais culturais que produzem simultaneamente uma modificação do recorte cultural, própria de uma reconstrução particular do mundo semioticamente construído), seja o *metametaconceptus* (subconjunto de traços modalizadores, manipulatórios, em busca da eficácia discursiva) existe uma relação dialética de presentificação de traços já existentes no sistema, e da incorporação de novos traços. Essas etapas levam em conta as circunstâncias da enunciação e do enunciado, e se constituem em uma escolha do sujeito enunciador. Em cada universo de discurso, dos quais se extraem os traços conceptuais, o processo de engendramento do conceito ao lado de outras marcas são caracterizadores importantes desses discursos.

Conceito/conceptus corresponde, em sentido amplo, a um modelo 'mental'(RASTIER), dialeticamente articulado a um recorte cultural ou designatum. Para Pottier, se constitui em um subconjunto de noemas que, de acordo com Barbosa apresenta "um subconjunto de noemas biofísicos ou 'universais', conceito *stricto sensu*; um subconjunto de traços semânticos conceptuais ideológicos, culturais, metaconceito; um subconjunto de traços semânticos conceptuais

ideológicos, intencionais, modalizadores, metametaconceito” (Barbosa, 2001, p. 154).

Esses três subconjuntos contêm noemas característicos, pois os noemas universais garantem a múltipla nomeação; no subconjunto dos noemas ideológicos, culturais, temos os movimentos de redução/ampliação de acordo com aquilo que é importante para cada um e, aos noemas ideológicos corresponde o local de embate.

A Etnoterminologia, nos tênues limites entre a Lexicologia e a Terminologia, ocupa-se do signo linguístico que se refere a um conceito específico dominado por um grupo de falantes que o identifica e denomina no processo de sua explicação no universo referencial. As relações étnicas são documentadas pela língua e a identidade dessas relações é “formada”⁷ em grandezas-signo modelizantes da realidade fenomênica, que podem transformar-se em signos-símbolo. A exclusividade denominativa reveste-se de caráter monorreferencial, que na análise da formação dos semas conceptuais e na caracterização semântico-conceptual do vocábulo-termo poderemos observar com maior clareza.

A abordagem etnoterminológica do léxico de *Grande Sertão: Veredas* procurou encontrar as raízes da cultura que permeia a obra que é associada à herança popular cultivada

⁷ De ‘formar’, termo utilizado por Maria Aparecida Barbosa: trata-se do processo de recortar culturalmente um fato antropológico.

no seio de um grupo social e inter-relacionar língua e sistema de valores (social, linguístico e cultural), a geografia e o tempo de um dos muitos grupos sociais que desenham a nossa identidade, além de procurar contribuir para documentar e compreender analiticamente uma cultura única.

Em *Grande Sertão: Veredas*, a paisagem natural denominada é minuciosamente classificada na exuberância do conjunto dos animais que a povoam, dos pássaros, plantas e árvores que proliferam na geografia dos Campos Gerais. E também na abundância de cidades, lugarejos, rios, chapadas, chapadões e veredas arrolados, quer sejam reais ou gerados pela inventiva de Rosa. As denominações em *Grande Sertão: Veredas* cumprem, ainda, a função de assinalar aspectos da cultura sertaneja do homem do sertão.

A FICHA ETNOTERMINOLÓGICA

O percurso da cognição é analisado em dois campos: o primeiro campo é de análise da natureza dos semas conceptuais formadores do vocábulo-termo (que permitem analisarmos a intenção da manifestação linguística); ao conceituar, interpretamos o modelo mental que organiza os fatos naturais e culturais. O segundo campo é de levantamento dos semas (que nos permite compreender a construção do sentido) considerando, para efeito de comparação entre os universos de discursos da língua geral e

do universo de discurso etnoliterário, os semas distintivos formadores do vocábulo-termo no *corpus*.

Finalmente, no último campo, passamos à definição do vocábulo-termo (expansão do conteúdo conceptual). Ao final de cada ficha procedemos, quando possível, a observações gerais que contextualizam o vocábulo-termo em seus aspectos próprios.

As palavras selecionadas fazem parte da lista de palavras-chave obtidas com o programa *Wordsmith Tools* e caracterizam o tipo humano sertanejo, eivado de misticismo (urucuiano, rastreador); o espaço e acidentes geográficos de feição ímpar (veredas, resfriado); os elementos da natureza que ornem o espaço e a imaginação do geralista (vento), suas crenças resumidas entre o bem e o mal (diabo). São palavras que, portanto, definem a axiologia do grupo e o mundo semioticamente construído por Rosa. Além disso, redefinem o léxico que utilizamos (do leitor-ouvinte), pelo processo de ressemantização da palavra usada na língua geral. São palavras de uso da língua geral que se constituem em signos-símbolos em *Grande Sertão: Veredas*.

FICHA ETNOTERMINOLÓGICA: VOCÁBULO-TERMO: DIABO (DEMO) OCORRÊNCIAS: 38

Significado no dicionário Houaiss: Rubrica: religião, teologia. Segundo a crença de diferentes povos antigos e modernos, espírito ou gênio do mal; anjo mau segundo a

religião cristã, o anjo rebelde (Satanás) que foi expulso do céu e precipitado no abismo (inferno); espírito das trevas; cada um dos anjos rebeldes e malditos como Satanás.

Contextualizações: 1) Bem, o **diabo** regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças – eu digo. Pois não é ditado: “menino – trem do diabo”? E nos usos, nas plantas, nas águas, na terra, no vento. p.3. 2) O **diabo** vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem **diabo** nenhum. .p.3; 4) Que o que gasta, vai gastando o **diabo** de dentro da gente, aos pouquinhos, é o razoável sofrer. p.3; 4) depois quando o **diabo** pede se perfaz. p. 19; 5) o **diabo** sai por toda parte lambendo o prato. p.24; 6) E sei que em cada virada de campo, e debaixo de sombra de cada árvore, está dia e noite um **diabo**, que não dá movimento, tomando conta.p.131;7) E o **demo** existe? Só se existe o estilo dele, solto, sem um ente próprio – feito remanchas n’água. A saúde da gente entra no perigo daquilo, feito num calor, num frio. p. 222; 8) Quem entende a espécie do **demo**? Ele não fura: rascrava. Demorar comigo ele podia. E, o que não existe de se ver, tem força completa demais, em certas ocasiões. p. 225.

NATUREZA DOS	Classe de Noemas	Caracterização Semântico- Conceptual	Natureza
-----------------	------------------	--	----------

SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	<i>Conceptus</i>	Ente do mal ou rebelde que foi expulso do céu.	Traços psicossociais
	<i>Metaconceptus</i>	Homem dos avessos, arruinado.	Traços culturais ideológicos
	<i>Metametaconceptus</i>	Remanchas n'água, sem um ente próprio, que não existe de se ver e tem força completa demais em certas ocasiões.	Traços culturais modalizantes intencionais

SEMAS					
ente do mal	homem arruinado	vige dentro do homem	não tem um ente próprio	pede e se perfaz	encontrado em cada virada de campo
	homem dos avessos	não existe solto, por si, cidadão	tem estilo solto	toma conta	encontrado debaixo da sombra da árvore
	de dentro da gente		não existe de se ver	não fura	encontrado de dia e de noite

			tem força completa demais, em certas ocasiões	regula seu estado preto nas criaturas, usos, plantas, águas, terra, vento	encontrado nas remanchas da água
			não dá movimento	rascrava	

Definição do vocábulo-termo **DIABO**: Sem um ente próprio, não existe solto por si só, é dos avessos do homem arruinado, encontrado em cada virada de campo, sombra de árvore, remanchas da água, terra e vento, de dia e de noite, rascrava e tem força completa demais em certas ocasiões.

Observações: De acordo com Arroyo, em várias regiões do Brasil, inclusive no Centro do país, é herança portuguesa a substituição do nome do diabo por outros apelidos: “ não se deve nunca chamá-lo pelo seu verdadeiro nome, para que não ouça e não venha” Arroyo, p.144. Sobre essa crença, o uso de *nomes de rebuço*, Riobaldo indaga: “Então? *Que-Diga?* Doideira. A fantasiação. E, o respeito de dar a ele assim esses nomes de rebuço, é que é mesmo um querer invocar que ele forme forma, com as presenças!” p.2; e ainda: Do demo? Não glosa. Senhor pergunte aos moradores. Em falso receio desfalcam no nome dele – dizem só: *Que-Diga*. Vote! Não... Quem muito se evita, se convive. p. 2. Em Martins encontramos o significado de rascravar: Não dicionarizado. Penetrar fundamente.//Combinação de rascar, ‘lascar’, ‘desbastar’, ‘ferir’, com cravar, ‘fazer penetrar à força’ (N.L.

de Castro).

FICHA ETNOTERMINOLÓGICA VOCÁBULO-TERMO: VEREDA(S) OCORRÊNCIAS: 35

Significado no dicionário Moraes Silva: Caminho estreito e não estrada real. Sentido figurado; O modo de vida, os passos, methodo, ordem; Houaiss: **Regionalismo: Centro-Oeste do Brasil.** caminho estreito, senda, sendeiro. Caminho secundário pelo qual se chega mais rapidamente a um lugar; atalho. Derivação: sentido figurado. orientação de uma vida, de uma ação; rumo, direção, caminho. Campo ou terreno brejoso, situado em encosta, esp. perto de cabeceira de rio, geralmente coberto com vegetação rasteira graminosa. Regionalismo: Brasil. Local úmido e fértil para agricultura. Regionalismo: Minas Gerais, Centro-Oeste do Brasil. na região dos cerrados, curso de água orlado por buritizais.

Contextualizações: 1) Conforme contei ao senhor, quando Otacília comecei a conhecer, nas serras dos gerais, Buritis Altos, nascente de **vereda**, Fazenda Santa Catarina. p.85 ;2) Me deu saudade de algum buritizal, na ida duma **vereda** em capim tem-te que verde, termo da chapada.p132;

3) Aquilo nem era só mata, era até florestas! Montamos direito, no Olho d'Água-das-Outras, andamos, e demos com a primeira **vereda** – dividindo as chapadas –: o *flaflo* de vento agarrado nos buritis, franzido no gradeai de suas folhas altas; e, sassafrázal – como o da alfazema, um cheiro que refresca; e aguadas que molham sempre.p.140; 4) E como cada **vereda**, quando beirávamos, por seu resfriado, acenava para a gente um fino sossego sem notícia – todo buritizal e florestal: ramagem e amar em água.p.140; 5) E lá era que o senhor podia estudar o juízo dos bandos de papagaios. O quanto em toda **vereda** em que se baixava, a gente saudava o buritizal e se bebia estável.p.170; 6) que nem, dos brejos dos *Geráis*, sai uma **vereda** para o nascente e outra para o poente, riachinhos que se apartam de vez, mas correndo, claramente, na sombra de seus buritizais...p.251;7) A **vereda** recruza, reparte o plaino, de esguelha, da cabeceira-do-mato da Mata- Pequena para a casa-de-fazenda, e é alegre verde, mas em curtas curvas, como no sucinto caminhar qualquer cobra faz. E tudo. O resto, céu e campo. p. 252.

NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Classe de Noemas	Caracterização Semântico- Conceptual	Natureza
	<i>Conceptus</i>	Lugar entre as chapadas, no interior dos Geráis, com vegetação	Traços biofísicos

		verde, nascente com água potável e aves, onde se encontram fazendas e habitações.	
	<i>Metaconceptus</i>	Local de sombra verde de buritis onde se bebe estável e se pode estudar o juízo dos papagaios.	Traços culturais ideológicos
	<i>Metametaconceptus</i>	“Oásis”	Traços culturais modalizantes intencionais

SEMAS					
paisagem geográfica do Centro-Oeste do Brasil	divide as chapadas	com rios pequenos	com cheiro que refresca	local de descanso	dá sombra
nos Gerais	recruza e reparte o plaino de esguelha	com nascentes nas serras	com papagaios	local onde se encontram fazendas	dá saudade

no termo da chapada	vai da cabeceira da mata para a casa da fazenda	com resfriado	com água potável		
		com capim verde	com alegrante verde		
		com buritizal			
		com matas e florestas			

Definição do vocábulo-termo **VEREDA**: Local de descanso com vegetação e cheiro que refresca, com animais, pássaros e água potável, ornado pelos buritis de alegrante verde, clima ameno, encontrado em meio aos campos gerais desérticos é, para o sertanejo, um “oásis” no meio do sertão.

Observações: “Nas *veredas*, há sempre o buriti. De longe, a gente avista os buritis, e já sabe: lá se encontra água. A vereda é um oásis”. Assim definida por Rosa em sua correspondência com Bizarri, p.16 desta Dissertação.

CONCLUSÃO

A forma diferente de pensar e sentir o mundo, advinda do universo antropocultural, e presentificada no interior do discurso, faz parte da forma linguística particular do grupo que

a convencionou, da forma como cada grupo analisa a substância semântica à sua disposição, o que garante o dinamismo lexical, ao estabelecer novas relações em outros universos, ao enriquecê-los com novos elementos.

O conjunto dos universos semióticos elaborados pelos diferentes códigos – a macrossemiótica de um grupo sócio-linguístico-cultural – constitui a sua “visão de mundo” (BARBOSA, 1996, P. 157). É essa substância virtual que os grupos linguísticos utilizam para formalizar e estruturar seus diferentes códigos que possibilitam a compreensão do mundo e a comunicação.

O vocábulo- termo, unidade mínima de significação da Etnoterminologia, atualizado no discurso etnoliterário, é símbolo dos temas que subjazem na obra de Rosa, em seu plano mítico, o tema vento, por exemplo. E, vimos, simboliza ao mesmo tempo a cultura do Brasil Central. Os entornos discursivos dos vocábulos-termos analisados em nossas fichas permitem-nos situá-los em um patamar elevado de densidade terminológica no que diz respeito à natureza dos conhecimentos herdados que veiculam, se comparados, por exemplo, aos vocábulos-termos da literatura de cordel, porém, de menor densidade terminológica se comparados aos termos da terminologia do Direito ou outras áreas de especialidades.

A realidade do sertão e do homem do sertão é convertida em signos densos de traços importantes que

revelam seu etnismo. Trata-se de documento histórico, que conforme vimos, ensinou Saussure, é capaz de testemunhar. O sertanejo, geralista ou veredeiro se erige no imo da paisagem geográfica única e as relações estabelecidas nos espaços físico, cultural e social são fatores constitutivos da unidade de língua e conceptualização das diferentes denominações.

As palavras usadas pelos sertanejos de Rosa são palavras da língua geral, cuja dupla significação não está ao alcance de quem não seja sertanejo de Rosa.

É nessa exclusividade semântica que a fronteira existente entre o vocábulo e o termo das linguagens de especialidades torna-se densa, palpável, comprovada enfim, se comparada a outros discursos etnoliterários, e é, nesses limites, que se apresenta o vocábulo-termo, no qual o autor encontra a palavra em todo seu vigor, não desgastada pelo uso impróprio. Enfim, o olhar etnoterminológico lança luzes sobre o estudo do termo no discurso etnoliterário, que escapa à Terminologia no campo específico a que sua análise está circunscrita.

Naturalmente o produto da análise etnoterminológica resultará em aplicações de importância prática, como uma melhor compreensão da cultura de grupos idiossincráticos, organizados em um país de imensas proporções territoriais como o nosso. Poderá também servir como documento de estudo antropológico, como fonte de estudo do processo histórico e mítico, ou como instrumento de auxílio na

tradução literária e de, particularmente, contribuir para o ensino da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Aparecida. Enoterminologia e Terminologia Aplicada: objeto de estudo, campo de atuação. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. (Org.). *As ciências do léxico. Lexicologia, Lexicografia. Terminologia*. 1ª. ed. Campo Grande MS: , 2007.

_____. *Léxico, Produção e Criatividade*. São Paulo: Editora Plêiade, 1996.

_____. Da formação do Conceptus à Estruturação Semântica Lexical. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, v.26, Fortaleza, 2001.

_____. A construção do conceito nos discursos técnico-científicos, nos discursos literários e nos discursos sociais não-literários. In: *Revista Brasileira de Linguística*, v.11, Editora Plêiade, São Paulo, 2001b.

LATORRE, Vanice R. D. *Uma abordagem etnoterminológica de Grande Sertão: Veredas*. Dissertação de Mestrado. FFLCH da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

PAIS, Cidmar Teodoro.; BARBOSA, Maria Aparecida. Da análise de aspectos semânticos e lexicais dos discursos etnoliterários à proposição de uma etnoterminologia. *Matraga*, Rio de Janeiro, 2004.

PAIS, Cidmar Teodoro. Aspectos de uma tipologia de discurso.



Revista Brasileira de linguística. São Paulo: Plêiade; SBPC, v.7, nº. 1, p.44.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

